

personagem

APÓS ENFRENTAR UM CÂNCER DE TESTÍCULO, O MÉDICO ALEXANDRE CHIEPPE RECEBEU UM PRESENTE INESPERADO: OUTRO FILHO

Quando a vida desafia a doença

Uma nova e improvável vida foi a resposta de Alexandre Chieppe, hoje com 38 anos, ao câncer de testículo. Depois de passar por um quadro clínico associado à infertilidade, em função da própria doença e também do tratamento a que foi submetido, o médico, hoje superintendente de Vigilância Epidemiológica e Ambiental da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, e a mulher foram surpreendidos pela chegada de Victor. A experiência da família comprova que há vida – e felicidade – após o enfrentamento do câncer e reforça a importância do diagnóstico precoce para a recuperação do paciente.

Essa história teve início em 2008, quando Chieppe, que é obstetra e, na época, coordenava o Programa Estadual de DST/Aids do Rio de Janeiro, começou a sentir incômodos nos testículos, especialmente durante a prática de atividades físicas. “Não havia nenhuma alteração visível, nem uma dor bem definida, em um lugar específico. Mas eu sentia algo estranho e, ao fazer o autoexame, percebi que um dos testículos estava mais endurecido e mais sensível ao toque que o outro”, relata Chieppe.

O chefe do Serviço de Urologia do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), Franz Campos, que acompanhou o tratamento de Chieppe, ressalta que o autoexame dos testículos é fundamental para o diagnóstico precoce da doença e deve ser realizado mensalmente. “Tumores de testículo são facilmente identificáveis, porque são externos. É possível perceber a presença de caroços durante o autoexame e, se isso acontecer, o homem deve procurar imediatamente um médico, para a confirmação do diagnóstico”, alerta o urologista.



Alexandre, a mulher, Flávia, e os filhos Vinícius (à esquerda) e Victor, que nasceu após o tratamento oncológico do pai

Fotos: Arquivo pessoal

Chieppe conta que, justamente por ser médico, uma série de possibilidades diagnósticas passaram por sua cabeça – principalmente câncer. Por isso, antes mesmo de consultar um especialista, decidiu fazer imediatamente uma ultrassonografia. O exame revelou uma imagem bastante alterada do órgão, que sugeria um processo neoplásico.

“Desde o primeiro momento eu achava que estava com câncer. Mesmo assim, como estava tomando todas as decisões sozinho, sem a orientação e o acompanhamento de outro médico, fiquei sem saber o que fazer quando recebi o laudo da ultrassonografia. Finalmente procurei um oncologista, que solicitou exames complementares”, lembra.

“A confiança nos médicos é decisiva para a recuperação do paciente”

ALEXANDRE CHIEPPE, que hoje está no quarto ano de seguimento do tratamento oncológico

A análise sorológica aumentou a suspeita de câncer de testículo, que foi confirmada por biópsia e exame histológico. “Câncer é câncer: sempre assustada. A reação inicial, claro, foi de perplexidade, de muita preocupação – para mim e para minha família. Mas é preciso manter o controle. Com o decorrer do tempo, nos tranquilizamos, pois sabíamos que as chances de um bom prognóstico eram altas”, recorda.

O tratamento foi imediato. Vinte dias após a confirmação do diagnóstico, o médico, agora também paciente, foi submetido a um procedimento cirúrgico para retirada do testículo doente. “Mesmo tendo plano de saúde optei por fazer o tratamento no INCA, por confiar na instituição, que é referência no Brasil, e em seus médicos, muito competentes e responsáveis. Estar bem assistido foi reconfortante. A confiança nos médicos é decisiva para a recuperação do paciente”, afirma Chieppe.

Campos explica que, além da remoção do tumor, o tratamento do câncer de testículo deve ser complementado com quimioterapia ou radioterapia. “Na vida intrauterina, os testículos são formados dentro do abdômen e depois deslocados para a bolsa escrotal. Então, muitas artérias, vasos sanguíneos e linfáticos conectam os testículos ao abdômen, o que contribui para que o câncer se espalhe rapidamente, sobretudo para o abdômen, pulmão, cérebro e fígado. Por isso, além de retirar o tumor, é preciso combater células cancerígenas que possam ter migrado para outros órgãos, evitando a formação de metástase”, esclarece o urologista.

O processo de formação dos testículos também é representativo em termos da importância do diagnóstico precoce da doença. “Esses órgãos concentram os espermatozoides e demais elementos ligados à reprodução humana. E essas células se desenvolvem e se multiplicam muito rapidamente, por isso esse é um tipo de câncer que se espalha de forma veloz. Daí a importância do diagnóstico precoce, para que o tratamento seja iniciado imediatamente e interrompido o desenvolvimento do tumor”, detalha Campos.

O diagnóstico precoce e o tratamento imediato foram decisivos para a recuperação de Chieppe. A cirurgia foi realizada apenas no testículo afetado pela doença, e, após a remoção do tumor, o tratamento foi complementado com quimioterapia. “Foi uma fase difícil, sobretudo pelos efeitos adversos da quimioterapia e pelas mudanças bruscas que ocorreram em meu corpo. Nesse processo, o apoio da família é fundamental”, reconhece o médico.

E toda família foi presenteada com a chegada de Victor, após a conclusão da quimioterapia. A gravidez surpreendeu o casal e os médicos porque o câncer de testículo, que afeta sobretudo homens com idades entre 15 e 50 anos, pode levar à infertilidade temporária ou permanente por diversas razões.

De acordo com Campos, esse tipo de tumor é resultado de uma alteração genética que está associada à infertilidade ou subfertilidade, por isso, os pacientes teriam uma dificuldade natural em ter filhos. “Além disso, a remoção de um dos testículos reduz a produção de espermatozoides, e a quimioterapia compromete a fertilidade. O paciente fértil deve ser informado sobre os riscos do tratamento e sobre a possibilidade de congelar o esperma, para a futura inseminação da parceira”, esclarece o urologista.

Na época do tratamento, Chieppe optou por não conservar o esperma, pois já tinha um filho – o que tornou a chegada de Victor ainda mais inesperada. “Não estávamos tentando engravidar, nem estávamos evitando. Simplesmente não pensávamos nisso naquela época. Victor foi um presente inesperado e maravilhoso”, comemora o pai, que hoje está no quarto ano de seguimento (acompanhamento anual) do tratamento oncológico. ■

